

Galato

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envolto fechado autorizado par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

20 de Julho de 1996 • Ano LIII — N.º 1366
Preço 30\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Galato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239



QUARENTA anos passaram sobre aquele dia que dá nome a esta nota. Se a vida admitisse suspensão sem haver morte, teríamos dado, talvez, por estes catorze mil, seiscentos e dez dias que decorreram — tantos eles foram de trabalhos, de alegrias, de aflições, de bons frutos..., realidades que tecem a vida e a temperam! Não demos. Parece que foi ontem. Graças a Deus, ao Senhor da vida, que «fere e consola com o próprio mal que faz», como escreveu o poeta, usando um verbo teologicamente impreciso, mas com tanta beleza!

É verdade, a vida continuou sempre e cresceu («como é próprio do que nasceu pequenino»), em demonstração da tese do Fundador: «A Obra começa quando eu morrer».

O espelho, sim, mostra-nos que o tempo passou: entre os cabelos que então se desajava, como símbolo de *peso* para tamanha responsabilidade, e os que vieram mesmo e são sinal de desgaste e de aproximação do fim.

Nenhum fim será mais princípio, mas não afectará a continuação da vida que brota do Senhor da vida, enxertado em qualquer haste, de si bravia, em que Ele queira enxertar-Se. Foi a divina lição que Pai Américo nos deu — uma lição de Paz.

16 de Julho

O ano passado vivemos este dia em feliz alvo-roço: o encerramento da fase diocesana do seu Processo de Beatificação. Afinal faltava um documento a elaborar por peritos em História, já que de um homem histórico trata o Processo. Pois está em andamento e em breve completará o que é requerido pela Congregação Romana para a Causa dos Santos, onde se trabalha já com empenho e o acompanhamento devotadíssimo do Postulador — motivo de profunda alegria e gratidão.

A todos quantos participamos consciente e interessadamente nesta Causa, cumpre rezar: não tanto para rejubilarmos em seu termo (se calhar nem o merecemos), mas porque «Deus é glorificado em seus Santos». Rezar, sim: Que o Senhor

Se manifeste irrecusavelmente pela intercessão do seu Servo Padre Américo.

Este ano, e em data quase coincidente, 14 de Julho, uma ocorrência singular de que nos *apossamos*, penso que com um bocadinho de *direito*, pelo menos à comunhão na festa da família paroquial de S. Nicolau, a paróquia do Barredo. Esta «terra de heróis, de mártires e de santos» que Pai Américo «pisou com o coração», dá à Igreja diocesana do Porto um padre, o que acontece pela primeira (ou segunda...?) vez este século.

Embora no Céu a felicidade seja perfeita, portanto inacrescível, parece que Nosso Senhor também foi teologicamente menos preciso quando afirmou «haver mais alegria no Céu por um pecador que se converte do que por noventa e nove justos que perseveram». Ora usando desta *liberdade poética* de Jesus, também eu digo que Pai Américo há-de ficar muito contente com esta ordenação e decerto vai «ter debaixo de olho» o Padre Joaquim Jorge.

Para nós, em comunhão da vida eclesial, tomamos o acontecimento como a prenda de anos deste 16 de Julho e dele também faremos festa.

Padre Carlos

TRIBUNA DE COIMBRA

Um pouco d'alma e tudo seria mais belo

A vida em nossa Casa corre sempre veloz. Ouvi alguém defini-la como uma «em-preitada». Naturalmente, ajustada à força dos anos, mas sobretudo ao vigor da alma que, este sim, ultrapassa em predicados e medida a força daqueles.

É a alma. Por ela, «sangrem os Padres da Rua até ao desgaste final» — escreveu o Padre Américo. Ela «é mais importante do que o corpo» — recorda ainda noutra passagem. É ela que nos sustenta nas canseiras, nos fomes e nas sedes — sabemo-lo pela nossa própria experiência de vida. E, quando o corpo cede, é ela ainda que nos ergue em força ressuscitada — diz-nos a fé.

Um pouco de alma, só isso, e tudo seria mais belo e melhor. Sim, é esse «algo» precioso de que

tanto o nosso Mundo carece.

Bastaria estarmos um pouco mais atentos à nossa volta e abrimos o coração. E, são pequenos «nadas», gestos escondidos, chispas insignificantes, isso mesmo o que transforma e incendia o Mundo — para o bem e para o mal.

A festa religiosa da primeira Comunhão de pequeno grupo dos nossos — nove, dos dez aos catorze anos — e o Baptizado do Ângelo Miguel que tem treze anos bastante conscientes, uma ilustração. Foi a preparação remota, a intensidade da proximidade, a roupa linda que vestiram, a celebração expressiva da fé, o almoço aprimorado até ao fim na nossa sala em obras — tudo tão belo, a alma cheia!

E a percepção clara, de vidas que conhecemos des-



Miranda do Corvo — O fotógrafo estava lá.

feitas em tombos sofridos, agora a refazerem-se, ainda e sempre por causa da alma! Enche-nos de alegria interior.

Mais este testemunho: o Carlos Fernando veio despedir-se, há pouco. Vai apresentar-se hoje para cumprir o serviço militar numa Unidade do Norte. Terminou o 9.º ano de escolaridade, o ano passado. Este ano fez a sua primeira experiência de trabalho fora, o primeiro emprego numa oficina reparadora de

automóveis, em Coimbra. Competente e educado, granjeou facilmente a estima de todos os companheiros e chefes — o lugar ficou reservado para quando voltar! Foi o chefe do Lar durante mais de três anos e, ao fim-de-semana, chefe de turno em Casa. É nosso desde os dez anos. Vimo-lo partir com alegria e emoção. Ele ia sentido, também. Via-se nos olhos. É também a alma a dizer, numa expressão única, o indizível.

Padre João

BENGUELA

Amanhã será melhor

A PETECEU-ME começar a redacção destas notas pelas palavras do Evangelho do domingo: «*Eu Te bendigo, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas verdades aos sábios e aos inteligentes e as revelaste aos pequeninos...*».

Fala-se, aqui, dum amor de preferência pelos mais pobres, os pecadores, as crianças, os de coração simples, os abandonados. Normalmente, esta classe de gente é mais vítima da injustiça dos homens, da vingança, do ódio. É mais frágil e sujeita à chamada exclusão social. E, porque tem muita necessidade de amor, a mensagem de Jesus Cristo encontra nela uma predisposição especial para a acolher. Estes são os *pequeninos* de que nos fala o texto. São aqueles de que nos falam as Bem-aventuranças.

No pólo oposto os sábios e os inteligentes deste mundo — quem são? Os «satisfeitos», os que julgam tudo ter e, por isso, recusam a mensagem. Bastam-se e não precisam de conversão. Não a querem. Os «pequenos», pelo contrário, abriam-se e abrem-se à vida. Encontraram a verdadeira sabedoria que lhes dá o sentido certo da vida. Sabem que não vivem para si mesmos. Sabem que terão mais razão para viver, mais felicidade, na medida em que ajudarem os Outros a ser felizes também. Entenderam, deste modo, o mistério da vida que foi dada a cada um. De tal modo que, quem entra na corrente da solidariedade, não pára enquanto houver quem precise da sua ajuda para viver também.

Esta é a dinâmica do verdadeiro desenvolvimento dum povo. Julgo que não se pode falar em desenvolvimento enquanto houver grupos fechados que têm muito ou tudo o que querem, ao lado da multidão que nada tem. Continua este problema aflitivo. Entendemos que se podia fazer mais se houvesse mais solidariedade a nível local.

Damos este testemunho: Há centenas de pessoas que querem viver do seu trabalho honesto em nossa Casa e à nossa volta. É o caminho certo. Estamos a fazer um grande esforço no sentido de lhes dar trabalho, sobretudo no campo. Mas esta gente precisa de comer para poder trabalhar. Precisa de saúde e de medicamentos para os seus

Continua na página 3

Conferência de Paço de Sousa

PROBLEMA SOCIAL — Nas emergências, como os Bombeiros, somos dos primeiros a ser procurados — especialmente no que se refere a dependentes condenados a morte lenta — pois há uma ou outra família que se afasta do encargo. Quebram laços de sangue e não se importam do próprio decoro social.

Aliás, este continua sendo um grave problema social que afligiu Pai Américo já na década de trinta — uma época de fome...

Demos sempre a mão à sobrevivência de alguns dependentes — os predilectos de Jesus. Neste momento, curiosamente, auxiliamos uma doente cuja irmã sacrifica heroicamente o seu futuro para lhe dar assistência. Uma luz que alumia o mundo! Noutro caso, porque a família se distanciou, houve que conseguir alguém que sirva de amparo... vinte e quatro horas por dia.

PARTILHA — Assinante 8618, de S. Pedro do Sul, com «pequeno donativo. Não é nada para o que precisam, mas é com muito boa vontade». Eis o valor!

Oito mil, do assinante 16696, Venda do Alcaide: «Não é necessário acusarem recepção. Basta uma breve menção n'O GAIATO». Aqui está.

«Pequena ajuda» da assinante 32217, Vancouver — Canadá, «para ser entregue a um Pobre a vosso cargo. É bem pouco, mas vale mais pouco que nenhum». Assim diz o povo com muita razão.

Assinante 14493, da Rua da Boavista — Porto, com os habituais dez mil, agora «referentes ao corrente mês de Julho, com a amizade de sempre».

Setúbal: «A minha contribuição mensal para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, com muito carinho e amor por todos os Pobres». Assina: «Avó dos cinco netinhos».

Cheque de cinco mil, do assinante 42971, de Ovar, com as habituais intenções e «não é preciso agradecer». Cumprimos.

Remessa da assinante 31254, de Fiães (Feira): «Doze mil para um velhinho; e oito mil, mensalidade de Julho. Estas ofertas, excepto a mensalidade, foram tiradas ao reembolso que recebi do IRS».

Dez mil, por cheque, do assinante 39190, de Algués — Lisboa, para «ajudar a suprir algumas das muitas necessidades dos irmãos cuja situação é referida num recorte do Famoso, que anexo». Respeitámos a sua vontade.

Remanescente de contas do assinante 26306, Rua Alberto Pimentel — Porto, «pois Ele sabe a minha intenção». Basta que Ele saiba! O pensamento de Claudel que a missiva traz, no topo, é rico de doutrina: «As coisas não são mobiliário do nosso cárcere, mas do nosso tempo».

Mais dois mil, do assinante 27527, de Viseu, «para acorrem às prementes necessidades dos irmãos mais carenciados — os Pobres».

A procissão d'hoje fecha com uma peregrina — de há muitos anos — a assinante 31104, de Lisboa: «Remeto cheque para os meus destinatários que contam com o pequeno óbolo. Que sirva de apoio para despesas de suas vidas e minha

Pelas CASAS DO GAIATO

consolação pela intenção que sempre ponho em tudo aquilo que faço em favor do Próximo». Prece que Deus escuta e guarda no Livro da Vida.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

ESCUTEIROS — Na semana passada esteve acampado, na quinta, um grupo de escuteiros de Urrô. Convivemos muito com eles. E tudo isso nos faz bem.

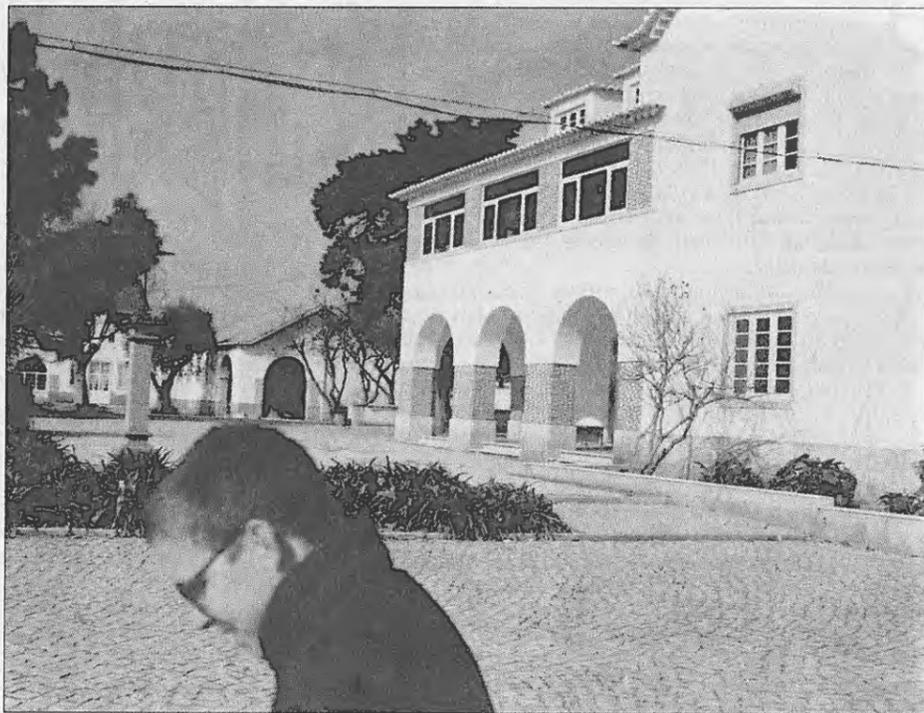
Desejamos uma boa carreira para todos, pois é um grupo já com muitos anos de actividade.

POMAR — Está a ficar mais bonito. As árvores com muita vida. E, no aviário, nasceram dois lindos gansos: um, branco; o outro, preto e castanho.

PISCINA — Já começou a funcionar e os rapazes contentes, pois estavam com saudades de mergulhar da prancha.

PEDREIROS — Uma equipa deles repara os muros da mata e as escadas da fonte de S. João. Tudo isso tem já centenas de anos!

FORMAÇÃO PROFISSIONAL — Alguns rapazes começaram a frequentar um curso de formação profissional em escolas oficiais. São eles: Tavares, «Spock», «Batata



Casa do Gaiato de Santo Antão do Tojal

Velha» e «Chouriço». Aprendam muito e preparem bem o vosso futuro.

Sérgio Paulo Pessoa Nunes

TOJAL

PRAIA — Alguns rapazes já se encontram de férias, principalmente os mais pequenos. Por isso, na brincadeira, gozam

conosco por ainda não termos ido para a praia. Não nos preocupamos. Estamos em casa a trabalhar, principalmente no feno. Mas, quando eles voltarem, espera-os a apanha da batata...

«Quem ri por último, ri melhor.»

FENO — Muito está enfardado e algum arrumado no modesto palheiro. O trabalho que o feno nos dá é um dos que poucos gostam de fazer, mas os poucos que o arrumam, fazem-no com gosto.

VISITANTES — No dia 6 de Julho um grupo de 46 pessoas, Juizes e Advogados, passaram o final da tarde conosco. Escutaram uma pequena alocução do nosso Padre Cristóvão que falou sobre os problemas dos rapazes e a vida da Casa. Depois, houve uma pequena visita à escola, aos dormitórios e às oficinas, terminando com uma merenda no refeitório.

CARAS NOVAS — Chegaram mais dois rapazes a nossa Casa: o Gonçalo, que já pertencera à nossa família mas fugiu em Maio, e Tiago Daniel com treze anos — o «Meia Lua».

Desejo óptimas férias aos Leitores d'O GAIATO.

Arnaldo Santos

BENGUELA

FESTA — Tivemos a festa dum irmão, criado na Casa do Gaiato. Faz parte daquele grupo a que chamamos antigos gaiatos. Pensou em casar e quis que a cerimónia fosse em nossa Casa,

perante todos nós. Assim aconteceu em 5 de Julho, ao fim da tarde. Enfeitámos bem a pérgola, lugar escolhido por ele para a festa. Ali se realizaram os casamentos doutros irmãos mais velhos e, por isso, o mesmo lugar.

Naquele dia ficámos contentes e esperámos os noivos à entrada da avenida.

Ele é o Angélico, conhecido pelo apelido «Kiki», e ela chama-se Helena.

Fazemos votos para que seja um lar feliz.

ESTUDANTES — Temos tido, de vez em quando, reuniões de estudantes. Assim aconteceu no fim do primeiro trimestre e início do segundo. Primeiro com os estudantes do terceiro nível. Depois, com os outros. O nosso Padre Manuel participa sempre nestes encontros.

Alguns tiveram notas muito boas. Outros, regulares. Poucos, com notas más. Por isso, o nosso Padre Manuel aconselhou os de notas baixas a estudarem mais, senão virá um grande mal para eles. Os de boas notas precisam de continuar a manter a mesma linha.

Agostinho Graciano

MIRANDA DO CORVO

GADO — Três vacas deram à luz um macho e duas fêmeas.

Por isso, também os rapazes que tratam dos animais têm mais trabalho.

Os vitelos nasceram na mesma semana, em dias diferentes.

BATATA — Começámos a arrancá-la no sábado de manhã, 4 de Julho, na terra do tio Jaime e um bocadinho na terra nova.

VISITANTES — Dia 7, recebemos uma visita de Chão de Couce. A excursão passou por cá o tempo necessário para podermos mostrar a nossa Casa.

Esperamos apareçam mais excursões para animarem a comunidade.

OBRAS — O telhado da sala de jantar está pronto. Agora só falta acertar, com cimento e azulejos, a sala de jantar. Ficará definitivamente em ordem para voltar a ser utilizada.

PRAIA — O primeiro grupo seguiu em 28 de Junho. Foram os mais pequenitos. Alguns dos maiores seguiram para fazer as obrigações e tomar conta deles.

TROPA — Em 9 de Julho, o Carlos foi para a tropa. Ia satisfeito e alegre porque queria aprender coisas que nunca viu, na realidade.

LAR DE COIMBRA — Volto a falar nisto porque, para o Ciclo, virá mais um para o Lar que não mencionei na crónica anterior: o «Alentejano».

João Henrique «Pequeno»

Verão!

Verão — tempo de praia, De fascínio, de prazer, de amar, De passeios na areia suave E de mergulhos nas ondas

[calmas

Do misterioso mar! Tempo de esquecer melancolias E de viver um pouco mais Com os amigos e a família!

Verão — tempo de viajar, Sentir, rir e sonhar! O sol é mais quente lá no alto E os dias são maiores e mais

[claros!

As raparigas são mais vistosas E a vida mais interessante

[e airoso!

Verão — tempo de férias, De sair de casa, De percorrer estradas, De visitar cidades E de gozar a liberdade Com o coração em festa!

Manuel Amândio

LAR DO PORTO

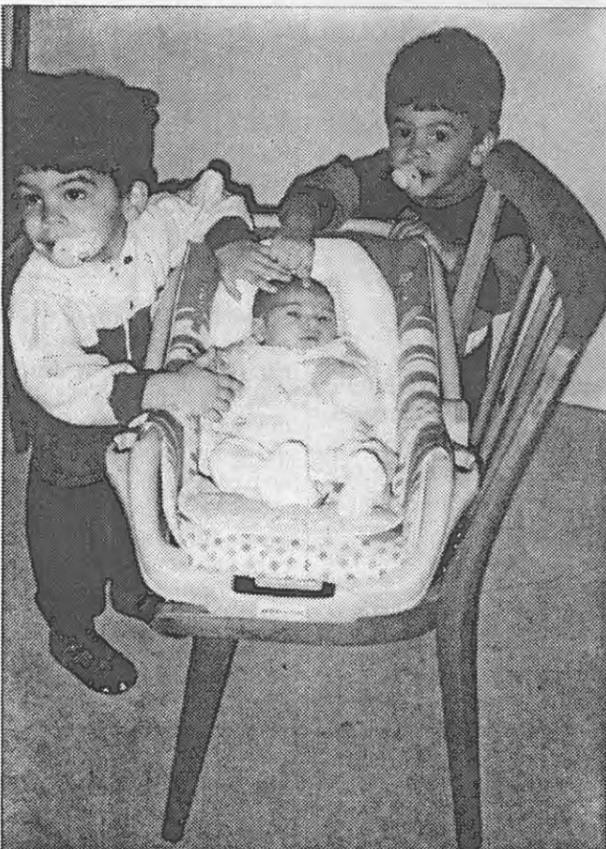
CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Aproxima-se o Verão e muitos se preocupam com as férias, bem merecidas, depois de um ano de preocupações e correrias. Mas nem todos terão esse benefício, uma vez que alguns estão desempregados e o orçamento de outros não dá para sair de casa.

Com os nossos Pobres a situação é triste porque não têm hipótese de sair do seu ambiente... Portanto, o vicentino está destinado a sofrer os males que vê e nem sempre pode curar.

«Mas justamente porque é cristão e crê na Comunhão dos Santos, sabe que esta angústia é o maior bem que entrega ao seu Pobre. Comungar com ele nos seus sofrimentos e nas suas consolações (os Pobres são tão pouco exigentes! Qualquer coisinha os satisfaz). Servi-lo. Dar-lhe uma palavra de conformação; ajudá-lo a subir ao nível do humano; semear a Esperança na sua alma; ensinar-lhe a certeza da Misericórdia e Justiça de Deus; interessá-lo; viver um pouco da vida dele — é a aplicação e o programa do visitante de Pobres.»

Aproveitamos para desejar boas férias a quem se lembra da nossa Conferência.

Casal vicentino



Emanuel, Ulisses e Isabel, três irmãs luxemburgueses — filhas do Nave.

MOÇAMBIQUE

O labirinto da burocracia

UMA amargura que sofremos tem a ver com o contentor, prestes a chegar, cheiinho de amizade das

Benguela

Continuação da página 1

males; de roupas para se cobrir e casa para se recolher. Quer trabalhar, sim. O pouco que temos é para repartir. Mas não chega nem para um mínimo decente. Investimos no trabalho tanto quanto podemos e sabemos. Mas não chega! A solidariedade é a resposta eficaz. Por isso, tudo o que nos chega às mãos, junto ao pouquinho que vamos tirando do nosso trabalho, é encaminhado para o levantamento deste povo do buraco em que caiu, para que possa caminhar pelos seus próprios meios.

É um processo lento, animado pela esperança de que o dia de amanhã será melhor. Nesta esperança queremos sempre viver!

Padre Manuel António

nossas Casas de Portugal. Tanto que nos ofereceram com amor e foi guardado ao longo do ano para esta Casa: dádivas de pessoas que trabalham e até se sacrificam, pensando nos que penosamente começam a viver em paz, sem ter com que refazer as suas vidas; outros que viveram da guerra e estão aprendendo a trabalhar.

É uma tortura afoitar-nos no labirinto da burocracia alfandegária. O primeiro processo remetido pelo Vice-Ministro da Cooperação e Acção Social para as Finanças, solicitando isenção de impostos, após descidas e subidas nos escalões internos do Ministério, perdeu-se.

Estamos a organizar outro, como importadores de mercadorias sujeitas a impostos! As Irmãs Salesianas para a sua Casa de Crianças receberam leite em pó e óleo da U.E. e estão aflitas porque têm de pagar como se de comércio andassem a viver!

Desde há anos, pensamos que contentores nunca mais. Mas a necessidade é tanta, sobretudo de roupa e calçado! Os rapazes nestas idades estragam com facilidade e o calçado que podemos comprar é de inferior qualidade. Algum, no mesmo dia descola. E quanto não sobra em Portugal! E quanto não seria possível arranjar, mesmo de outros produtos e até materiais de construção

para a nossa Aldeia, que às vezes não encontramos no mercado!

Houve um acordo de cooperação que foi extinto. Espera-se compreensão dos governantes para as ajudas de apoio ao trabalho a favor dos mais carecidos.

Missões, e obras de carácter positivamente social, que abnegadamente investem em toda a espécie de apoio ao desenvolvimento dos mais pobres, ficamos acabrunhados e intimamente revoltados por sermos postos na mesma pauta alfandegária dos industriais e comerciantes que, por mais importantes que sejam em investimentos ou manobras de divisas, acautelam bem os seus próprios lucros.

Nós que damos a nossa vida gratuitamente ao povo de Moçambique, só queremos liberdade de receber meios materiais para a sua digna e consciente promoção humana e não temos subornos para despertar da apatia a má vontade de funcionários.

Se Pai Américo fosse vivo, sei que não se meteria em tal. Ou, até, repetiria o que disse quando foi interpelado pela Censura acerca do que escrevia n'O GAIATO. Parece que estou a ouvi-lo!

«Em matéria social a lei é esta: — Aquilo que não se pode remediar, também nisso não se pode falar —

dizia o censor. E eu levantei-me e disse: — Alto lá senhor general (chamei-lhe general para ele ficar contente), eu estou a remediar, eu estou a remediar!»

Padre José Maria

Carta duma jovem

Um dia, quando aqui vieram falar da Obra do Padre Américo, entusiasmei-me e dei o nome. Nunca me preocupei em «pagar» o jornal. Como ele vinha sempre... Uma atitude que venho agora tentar remediar...

Sou jovem. Tenho 25 anos. É muito difícil ser jovem, hoje em dia. Jovem com ideias próprias, com juízo!

Gosto imenso de ler O GAIATO, emocionou-me sempre que o leio por ajudarem mais uma criança, mais uma família. Deus vos abençoe.

Anos atrás quis fazer algo que pudesse ser útil nas férias... Quem sabe se um dia não irei para aí sempre!

Assinante 43396

EM 31 de Maio fez cinquenta e três anos que a primeira leva de rapazes chegou a Paço de Sousa, vindos de Miranda do Corvo.

A nossa Aldeia começara a sair da terra um mês antes. A pequena comunidade foi instalada no que restava do velho Convento em ruínas depois de dois incêndios sofridos nos anos trinta. Tudo era precário e provisório. Os rapazes ocupavam-se na vida doméstica e no campo. Não foi logo a hora das oficinas. Mas, porque uma alfaiataria era simples de montar e pouco exigente em instalações; e porque, ao tempo, alfaiate era um ofício com colocação fácil, mesmo aqui pelos arredores — foi ela a primeira oficina desta Casa do Gaiato.

Abriu-a o senhor Emídio; e embora há anos não funcionasse como escola — desde que o ofício subiu mesmo a arte, ao alcance só de quem tem posses e gosto, e deixou de ser emprego viável — sempre se manteve como pulmão para o nosso querido mestre, presente até ao limite das suas

PENSAMENTO

A melhor maneira de resolver males alheios é cada um fazer todo o Bem que puder dentro da sua pequenina esfera de acção.

PAI AMÉRICO

O senhor Emídio

forças, que nela se entretinha em concertos e adaptações de roupa que nos dão.

Acamado já, na semi-consciência dos seus últimos dias, a sua aflicção era ainda vir ao Gaiato, que ele teve mais de cinquenta anos no coração; e, parado este nesta terra de passagem, tem — assim o cremos — no Céu, onde contamos mais um intercessor.

Foram gerações de rapazes que passaram por suas mãos e guardam do seu mestre, tanto ou mais do que a profissão que lhes ensinou, o exemplo de um homem sacrifício e íntegro e o apoio de um pai que, muitas vezes e a muitos, ajudou a ultrapassar escolhos.

Não deixa um vazio. A sua memória permanece viva entre nós. Nem ficamos mais pobres. LÁ é onde, agora e para sempre, ele pode servir melhor esta Obra que amou. Que peça a Deus conosco para as áreas várias em que decorre a nossa vida, outros, puros de coração e plenos de força, capazes, como ele foi, de cumprir a sua função em espírito de missão.

Padre Carlos

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Valerá a pena viver assim?!

SEMPRE que vamos de visita àquela região, procuramos as Criaditas dos Pobres para nos orientarem. Elas são mestras e apaixonadas — por amor a Deus e aos Pobres. Uma das Irmãs pegou-nos no braço e conduziu-nos a um pátio interior: — Venha ver uma maravilha de amor familiar!

Mal chegámos, começou a aparecer a maravilha: um casal com quinze filhos todos vivos e seis deles já casados. Para cada um que vai casar o pai constrói uma barraca. Tudo serve para a construção: tábuas velhas, latas, plásticos, papelões e o que aparece.

Com os filhos apareceram também vários netos, uns ao colo e outros já por seu pé. Impressionou-nos bastante a doença de alguns: uma menina quase cega; outro com os pézinhos muito tortos, ambos já em tratamento; e outro ainda com outros males. Todos queriam ficar na fotografia. Alguém que nos acompanhou, desabafa, angustiado: — Valerá a pena viver assim?!

Não queremos enlascar a vida nas barracas, mas colhe-mos nelas, por vezes, testemunhos maravilhosos de amor familiar. O amor daquele pai a construir habitações para os filhos que vão casar. A mãe, à hora das refeições, quando aparecem muitos e a sopa vai diminuindo na panela, à medida que serve mais um prato dela, acrescenta outro de água e chega sempre para todos. O pai vendo que a sardinha assada é pouca, divide-a às febras e mete-as numas rodela



Uma maravilha de amor familiar!

de batata e pedaços de pão e vai distribuindo. Todos comem e ficam felizes.

Os abonados e instalados na vida serão capazes de fazer isto?

Operário carinhoso e acolhedor

Aquele operário, pai de oito filhos, é sinistrado e ficou paraplético. Num domingo, foi ajudar um vizinho a mudar o telhado da casa, caiu e foi para o leito onde ficou até hoje. Vive numa pobre casa com a família que muito ama.

Na pobre habitação aceita amorosamente os netos que as filhas lhe trazem quando andam por lá bastante tempo. Todos ali cabem. Não recusa lugar a ninguém. Tem um coração onde cabem todos os necessitados ou abandonados.

Faz-nos bem estes encontros numa sociedade que procura viver somente, abonada, sem encargos, em liberdade

total. Uma sociedade que só pensa em gozar a vida. Os outros que tenham juízo e trate cada um da sua vida.

Esta família, com três filhos pequenos, tem vivido numa barraca só com duas divisões. São trabalhadores e conseguiram uma casa de renda económica, onde já terão o seu lugar. A mãe, doente do coração, agarra todos os trabalhos. Um casal delicado e muito amoroso com os filhos.

Casal generoso

Quer que a sua barraca fique para outros que conhece e têm vivido na toca duma pedreira à mistura com bicharada. Ficámos impressionados. Bem impressionados.

Um exemplo a seguir para todos os que pregam a solidariedade e nada fazem e continuam a amontoar só para si.

Padre Horácio

SETÚBAL

Espírito de Pobreza

TERMINAMOS a 29 de Junho, dia em que a Igreja celebra o martírio de S. Pedro e S. Paulo, a Missão de Festas deste ano, pelo menos desta temporada, em Leiria, no Teatro José Lúcio da Silva.

Leiria recebe-nos sempre com todo o carinho. O Lions Clube encarrega-se de tudo e brinda-nos com uma ceia abundante e fidalga. As senhoras servem os gaiatos, acariciando-os e elogiando cada um pela sua brilhante actuação.

Como me consola este debruçar humano sobre os meus rapazes! É o amor de Deus provado e agradecido em gestos de ternura indiscutíveis e que se repetiram no final de quase todos os espectáculos.

O Luísa Todi, em Setúbal, encheu-se duma multidão dominada pela «malta jovem» que aplaudiu sem cansaço, do princípio ao fim, cada número que surgia e escutava atentamente a gradual dissertação sobre a virtude da Pobreza.

Algumas das representações foram-nos gentilmente cedidas pelo TAS — *Teatro de Animação de Setúbal* — que nos apoiou e cedeu um sábado que lhes estava reservado. Contaremos sempre com o amparo deste grupo artístico, fonte de diversificada inspiração, cujo director não arredou pé do início ao final da Festa.

A Comunicação Social da cidade nunca foi tão colaborante e amiga como este ano.

Marcámos enchente no Barreiro e na Moita, onde nunca tínhamos ido e nos surpreendeu pelo calor humano e rendimento material; no Pinhal Novo sempre ávido da nossa presença; nas Cabanas e na Quinta do Anjo; em Almada e na Cova da Piedade.

A casa compôs-se, passando de meio, em Azeitão e Palmela.

A certeza da Festa em Cascais nunca se pôs em dúvida, mas o local sim. Acabámos por voltar ao Gil Vicente, agora renovado, um autêntico primor de teatro pelo gosto e inteligência do restauro.

Cascais é terra de muitos e devotados amigos. É de lá a gratuita e brilhante bailarina que, há dois anos, ensina bailado aos rapazes e faz deles garbosos artistas.

O nosso apoio na capital da Costa do Sol assente em duas senhoras que, apesar de doentes, deram quanto podiam e alargaram a sua colaboração a outros amigos, os quais reforçarão a equipa nos próximos anos.

Estamos comprometidos em Vila Viçosa, Altar de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira de Portugal. Se o Verão deixar incólume a equipa dos principais actores, lá estaremos para falar da Pobreza junto da Pobre de Nazaré, e reeditaremos o espectáculo em Amora e Sesimbra, locais onde o calendário não permitiu a presença dos gaiatos.

Missão parece ser o termo que melhor se adapta ao trabalho apostólico empreendido pelas nossas Festas. O tema eleito para este ano seria uma outra expressão concisa de Pai Américo: «Somos a seara imensa do trigo e do joio». Sobre o trigo escrevi dúzias de páginas, mas quando cheguei ao joio não me atrevi a continuar. Punha em cheque muitas tragédias humanas dos nossos rapazes que não se devem publicar. Já basta que a vida os tenha marcado e que o mundo ignore e perverso os apedreje. Não fui capaz de pôr leveza e recato no joio — e desisti.

Assim, virei-me para outra concisão: «A nossa Pobreza é a nossa riqueza».

Alguém me advertiu que falar de Pobreza neste tempo era arrojado demais: — Não faz mal, retorqui. Todo o Evangelho é audácia.

Afinal, verifiquei que o assunto, apesar de novo e estranho no mundo actual, quando é expresso com clareza e experiência, torna-se cativante. A Pobreza como «suficiência na comunidade», na família, na cidade, na Nação, no Mundo ou mesmo na pessoa é a rainha e a raiz das mais sublimes virtudes humanas — a noiva dos grandes Homens que foram e são os Santos.

Padre Acílio

☆☆☆

Quando, de manhãzinha, chego à Casa do Gaiato para trabalhar, sinto logo o ambiente da Casa.

Hoje, foi um deles. Estava em frente dum montão de meias para separar. Cada semana são mais ou menos 800... 1000... à espera cada uma de encontrar a sua parceira.

O tempo passou num instante! Da cozinha chegava aos meus ouvidos um verdadeiro concerto: os cozinheiros pareciam passarinhos a cantar num dia de Primavera, uma mistura de canções populares, de cânticos da Missa, etc. Enquanto a voz do Bruno cantava «Cheira bem, cheira a Lisboa», o bom cheiro da cozinha vinha até à rouparia. Cheiro de comida feita com alegria; cheiro do bom ambiente onde o trabalho se torna leve quando é feito assim; cheiro da Pobreza que é a grande riqueza da Casa.

A alegria exterior traduz o trabalho interior que a Festa realiza em cada um dos gaiatos. Obrigado Bruno, Vicente, «Palhaço» e outros que souberam continuar a Festa no meio das panelas, dos feijões, das batatas.

Ir. Joana

NOTA: A Irmã Joana é uma Religiosa das Irmãs dos Campos que trabalha na rouparia da Casa do Gaiato dois dias por semana.

CALVÁRIO

O silêncio gera a paz

A larga varanda envidraçada, onde os doentes paraplégicos e outros dependentes tomam as refeições e passam o tempo entretidos, mostra no topo uma parede de granito. Ao centro desta, uma abertura para o exterior é preenchida com um aquário onde a luz do dia é coada pela água em tons de esmeralda.

Um peixe vermelho vai ali dando voltas suaves, elegantes. Às vezes, sobe à tona em busca de alimento. Outras vezes, fica estático, sem movimento, sem ruído algum. Vive na serenidade, no silêncio absoluto.

Grande procura do NOVO LIVRO

TEM por título «*Um grande educador português do século XX — Padre Américo e a sua obra pedagógica*». Autor: Doutor João Evangelista Loureiro, que foi Professor da Universidade de Aveiro. Livro de bolso com 144 páginas, e duas partes bem ordenadas, cujo «manuscrito fora encontrado no espólio pedagógico» desse Mestre fascinado com o pensamento pedagógico de Pai Américo — «*educador da liberdade, da porta aberta, que respeita em cada criança e jovem o cidadão do Mundo, o filho livre do Pai*». Um antigo Assistente e íntimo colaborador do Doutor Loureiro afirma no prefácio que o autor «*explicita, estrutura e analisa magistralmente os princípios educativos da acção educativa (de Pai Américo) com a simplicidade adequada*» — o que bastaria para ter o seu imprimatur...

A obra merece a apetência dos Leitores. Todos os dias chegam requisições, sobretudo em postais RSF (resposta sem franquia) que enviamos dentro d'O GAIATO. Forma prática para se encomendar este ou outros livros da nossa Coleção.

Curiosamente, não falta quem estime ler, e guardar na própria estante, trabalhos de ou sobre Pai Américo — como o assinante 27527, de Viseu: «*Sendo possuidor de todas as obras da Editorial da Casa do Gaiato, até agora publicadas, que ocupam um lugar de destaque na minha biblioteca, não podia deixar de adquirir o novo livro, pois tenho a maior admiração e veneração por tudo que concerne ao Padre Américo, à Obra da Rua (...). Nesta data vos remeto o postal RSF.*»

Júlio Mendes

É um ser que convida à contemplação, à paz.

Os doentes sentados em frente dele, olhando, entram igualmente na quietude do pequenino ser.

O peixe vermelho é um amigo destes doentes sem o saber.

A amizade não carece de palavras. Não se impõe. Brota naturalmente e, sobretudo, da presença discreta, da companhia que não demonstra pressa nem cansaço, do saber estar ao lado sem incomodar, mesmo no silêncio.

Mas raramente gostamos do silêncio. Eu diria até que temos medo dele. Por isso, somos tão barulhentos. E, para nosso castigo, somos mesmo perturbados permanentemente com ruídos das vozes emitidas pela televisão, pela rádio, pelos anúncios, pelo telefone... Vivemos num desassossego constante com o trânsito, com as festas, com a algazarra do nosso mundo.

É difícil, hoje em dia, encontrar o silêncio. No entanto, ele faz bem à alma. É no silêncio que as sementes germinam, que as plantas crescem, que as árvores se erguem, que as flores se abrem, que os frutos amadurecem. O Universo vive no silêncio. Parece que precisa



A larga varanda do Calvário

dele como alimento. Deus quis o silêncio para criar o Mundo. Cristo escolheu o silêncio da noite para nascer entre nós.

Mas também nós temos necessidade do silêncio na vida. É ele que gera a paz. É ele que nos leva à interiorização, ao mergulhar em nós mesmos para ver quem somos porque a nossa verdade está dentro de cada um; para ver quem são os Outros, pois é ainda dentro de nós próprios que os encontramos melhor; para ver quem é Deus que quer estar em nós se O amamos.

O peixe vermelho teimosamente afirma o silêncio. Os doentes escutam-no e absorvem a paz que dele emana e encontram serenidade.

Que bem faz o peixinho vermelho a estes seus admiradores. E eu sou um deles.

Padre Baptista

Notícias de Malanje

HÁ pouco vieram três «Batatinhas», cada um por sua vez. Traziam todos o mesmo problema: a presença de um menino que pedia para ficar connosco.

É comovente ver como os nossos rapazes se interessam pela sorte e vida difícil dos outros pequenos e se mostram sensíveis à dor que aqueles trazem no corpo e na alma.

Outro grupinho de pequeninos também pede: — *Abra-nos a Capela. Queremos rezar pelos Pobres. Ótimo!*

Ficamos muito tocados ao escutar as longas narrações de situações por onde passaram, um historial duro para idades ainda tenrinhas. Ficamos também embaraçados quando estes de que vos falo, vêm pedir: — *Senhor Padre, está lá fora um menino a chamar. Ele mora na rua e quer ficar aqui...* Muito mais tristes ficamos ao vê-los partir, termos que os despedir em direcção à rua numa sociedade em que cada dia que passa as carências se multiplicam e o viver se torna cada vez mais penoso para os Pobres. Poder estender a mão aos mais necessitados é o nosso grande sonho, mas, para já, o sofrimento do povo é nossa dor.

Padre Manuel Kalemba